DESVENDANDO

ÁLBUNS CLÁSSICOS DO

ROCK

Rainbow
Rising

MARCO ANDRÉ BRIONES

VISIT...

DESVENDANDO

ÁLBUNS CLÁSSICOS DO

ROCK

Rainbow
Rising

MARCO ANDRÉ BRIONES

ÍNDICE

INTRODUÇÃO À OBRA
DEDICATÓRIA
FICHA TÉCNICA
LISTA DE CANÇÕES DO ÁLBUM
ORIGENS DO ÁLBUM
ANÁLISE DO ÁLBUM – FAIXA A FAIXA
TAROT WOMAN
RUN WITH THE WOLF
STARSTRUCK
DO YOU CLOSE YOUR EYES?
STARGAZER
A LIGHT IN THE BLACK
O LEGADO DE "RISING"
CONTATO COM O AUTOR
LINK PARA A AMAZON
BIBLIOGRAFIA
PLAYLIST NO SPOTIFY
LINKS NO YOUTUBE
SOBRE O AUTOR

Introdução à série "DESVENDANDO ÁLBUNS CLÁSSICOS DO ROCK"

Caro leitor:

A ideia de criar a presente série me ocorreu quando um dia eu estava conversando com a minha amiga, Marta Secco, sobre rock e ela me sugeriu que eu deveria começar a escrever sobre o assunto, pois sabe o quanto gosto do tema, além de ter uma vasta coleção de livros e DVDs sobre as mais variadas bandas e artistas. O outro fator motivador para a concepção da série, chamada "Desvendando Álbuns Clássicos do Rock" surgiu através de um velho amigo meu, Marcelo Avedissian, que me enviou uma brincadeira através do Facebook, pedindo que listasse os meus 10 álbuns favoritos, sem qualquer tipo de comentário. Respondi que isso seria impossível, pois teria muito mais do que 10 álbuns para escolher e, principalmente, eu gostaria de explicar por que eles são especiais para mim e contar a história e origem de cada uma das canções. Assim, brotou em minha mente o conceito da série.

Percebi também que, embora eu aprecie muito descobrir novos artistas, bandas, álbuns e estilos musicais, alguns álbuns sempre acabam sendo ouvidos novamente, voltando como amigos saudosos que regressam após uma longa viagem. Considero que aqueles que farão parte dessa coluna são meus parceiros de longa data, que vem me acompanhando há décadas, através dos momentos de alegria e tristeza. Sempre estiveram disponíveis, ao meu lado, para celebrar comigo os momentos de felicidade ou me confortar em minha dor nos momentos de sofrimento.

Desta forma, pensei que uma maneira através da qual eu poderia retribuir tantos bons momentos e horas de companhia que tive durante todos esses anos seria fazer uma homenagem, um pequeno tributo, aos meus artistas favoritos e aos álbuns que mais marcaram a minha vida. Os leitores atentos notarão que não necessariamente escolherei os álbuns mais famosos ou vendidos de cada artista. Algumas vezes isso acontecerá, mas a escolha foi feita por serem aqueles que são especiais para mim, tendo entrado em minha história pessoal de uma maneira muito intensa, fazendo parte da minha formação musical até os dias de hoje.

Adotei alguns critérios para elaborar essa série: cada artista terá apenas um álbum selecionado. Iniciarei com uma ficha técnica, citando os músicos envolvidos e as faixas do álbum. Na sequência, descreverei a origem do álbum, de onde e como ele surgiu. Em seguida, farei uma análise detalhada de cada uma das faixas, finalizando com o legado deixado pela obra do artista escolhido. Serão disponibilizados também alguns links no final, para que possam ouvir

e ver os artistas em questão.

Atualmente tenho os seguintes títulos já publicados e disponíveis, que fazem parte do meu primeiro volume de álbuns analisados:

The Beatles – The White Album

Rush – Permanent Waves

U2 – The Joshua Tree

The Police - Synchronicity

Deep Purple – Made in Japan

Marillion – Clutching at Straws

Van Halen – 1984

Tears for Fears – The Seeds of Love

Genesis – A Trick of the Tail

Black Sabbath – Paranoid

Já estão sendo publicados os títulos do segundo volume, sobre os álbuns a seguir:

Radiohead – Kid A (já publicado)

Pink Floyd – The Wall

Peter Gabriel – Us

John Lennon – Plastic Ono Band

Queen – The Game (já publicado)

Iron Maiden – Piece of Mind (já publicado)

The Smiths – The Queen is Dead

Kiss – Creatures of the Night (já publicado)

Supertramp – Breakfast in America (já publicado)

Esse e-book é minha singela homenagem, além de uma forma de agradecimento aos anos de alegria e companhia que a obra eterna do Rainbow tem me dado. Espero que após a leitura do presente volume, você possa ouvir novamente “Rising” com uma nova compreensão e apreciação, conhecendo as histórias e inspiração por trás de cada uma das faixas. Tenho certeza de que você o escutará de uma outra maneira e, quem sabe, ele também venha a lhe acompanhar pelo resto de sua vida.

Desejo-lhe uma boa viagem musical!

Marco André Briones

marcoandrebriones@gmail.com

São Paulo, junho de 2021

DEDICATÓRIA

Esse volume é dedicado a memória de três ex-integrantes do Rainbow: Cozy Powell, Jimmy Bain e Ronnie James Dio. Todos eles participaram do álbum Rising e deram sua contribuição para que esse se tornasse um dos álbuns clássicos da história do Rock and Roll.

Cozy Powell foi um dos maiores bateristas do rock. Seu currículo musical é um dos melhores e mais extensos do rock. Tive a oportunidade de vê-lo uma única vez em um show do Whitesnake no Rock in Rio em 1985. Ele foi espetacular.

Jimmy Bain foi um grande baixista e compositor. Também fazia backing vocals ao vivo. Eu o vi uma única vez em 2001, em um show do Dio.

Quanto à Ronnie James Dio, é difícil falar sobre um dos grandes vocalistas da história. Ele foi realmente extraordinário, tanto no estúdio quanto ao vivo. Eu tive o privilégio de vê-lo ao vivo quatro vezes: a primeira no Black Sabbath. Depois participando de um show do Deep Purple. A terceira foi com sua banda Dio. A última foi poucos meses antes de sua morte, quando se apresentou em São Paulo com a banda “Heaven and Hell” que, na realidade, era o próprio Black Sabbath.

Que todos eles descansem em paz. Seu legado musical jamais será esquecido e suas gravações continuarão sendo ouvidas por muitas gerações.

ÁLBUNS CLÁSSICOS DO ROCK – VOLUME 14

RAINBOW - RISING

FICHA TÉCNICA

ANO DE LANÇAMENTO - 1976

PRODUZIDO POR – MARTIN BIRCH

MÚSICOS PRINCIPAIS –

- RITCHIE BLACKMORE – GUITARRAS
- RONNIE JAMES DIO – VOCAIS
- JIMMY BAIN – BAIXO
- TONY CAREY – TECLADOS
- COZY POWELL – BATERIA
- MUNICH PHILARMONIC ORCHESTRA – CORDAS E METAIS

AUTORIA DAS CANÇÕES

Todas as faixas são de autoria de Ritchie Blackmore e Ronnie James Dio

LISTA DE CANÇÕES DO ÁLBUM

1	**TAROT WOMAN**
2	**RUN WITH THE WOLF**
3	**STARSTRUCK**
4	**DO YOU CLOSE YOUR EYES?**
5	**STARGAZER**
6	**A LIGHT IN THE BLACK**

ORIGENS DO ÁLBUM

Em 1975, o renomado guitarrista do Deep Purple, Ritchie Blackmore, se encontrava muito insatisfeito com os rumos musicais que a sua banda estava tomando. Depois da entrada dos dois novos integrantes, David Coverdale nos vocais e Glenn Hughes no baixo e vocais, o Purple passou a seguir uma linha um pouco mais influenciada pela soul music e o funk americano. Blackmore detestava esses estilos musicais e queria que sua banda mantivesse sua linha musical baseada no rock pesado e na música clássica, da qual era um grande admirador. Blackmore também se sentia incomodado pelo uso crescente de drogas na banda, especialmente por Glenn Hughes e, de uma forma menos intensa, por David Coverdale. Isso irritava muito o guitarrista, que nunca usara drogas e as repudiava.

Durante a tour promocional do álbum "Stormbringer" havia uma banda americana que abria os shows do Purple. Tal banda se chamava "Elf", que havia sido "descoberta" pelo ex-baixista do Deep Purple, Roger Glover, que havia convidado Dio para montar uma banda com ele, juntamente com o tecladista do Elf, Mickey Lee Soule.

A medida em que a tour avançava, Blackmore foi ficando cada vez mais impressionado com o talento, carisma e presença de palco, um vocalista até então desconhecido, chamado Ronnie James Dio.

Uma ocasião, o reservado e enigmático guitarrista foi até o camarim da banda de abertura para conhecer pessoalmente o incrível vocalista. Encontrou Dio e lhe disse que ele era um grande vocalista, saindo logo em seguida. Dio ficou lisonjeado, mas pensou que era apenas um comentário gentil de Blackmore.

Pouco tempo depois, o guitarrista queria gravar uma versão cover de uma canção chamada "Black Sheep of the Family", pois a apreciava muito. Ao fazer a proposta para seus colegas de Deep Purple, todos foram contrários e não demonstraram nenhum interesse fazer tal gravação, preferindo registrar suas próprias canções autorais. Sentindo-se frustrado, Blackmore procurou Dio e lhe fez a mesma proposta, que foi imediatamente aceita. Foi agendada uma data em um estúdio, no qual Blackmore e Dio gravaram a faixa cover. O resultado foi tão bom e o processo tão rápido que Blackmore sugeriu que eles criassem uma outra canção no próprio estúdio, para que pudessem lançar ambas em um single.

Blackmore mostrou a Dio uma tema musical que havia composto, inspirado na sua canção favorita, o tema medieval inglês chamado "Greensleeves". Dio imediatamente captou o espírito da canção e o objetivo do guitarrista e escreveu os versos da canção "16th Century Greensleeves". Blackmore adorou o resultado e ficou ainda mais

impactado com o talento de Dio e sua rapidez na criação de letras para suas canções. Nesse momento ficou claro para o guitarrista que seus dias no Deep Purple estavam contados, e que ele iria formar uma nova banda com Ronnie James Dio.

Ritchie declarou que Dio era um profundo conhecedor de música por tocar trompete. Ele sabia onde improvisar e como posicionar as suas notas. Além disso, tinha uma voz muito forte, melódica e sua afinação era sempre perfeita. Ambos os músicos também compartilhavam o gosto pela música clássica, particularmente a de J.S. Bach.

Inicialmente Blackmore propôs ao vocalista que eles poderiam manter a banda "Elf", dispensando apenas o guitarrista, pois ele mesmo assumiria as guitarras e composições da banda. Dio e os outros membros do "Elf" aceitaram a proposta de Blackmore, que já era uma celebridade, muito rico e famoso.

Desta forma, Blackmore informou aos seus colegas do Deep Purple que os deixaria no final da tour europeia, na qual estavam promovendo o lançamento de Stormbringer. As três últimas apresentações foram gravadas e posteriormente editadas e selecionadas, tendo sido lançadas no álbum "Made in Europe". Paralelamente, Blackmore usava todo o tempo livre entre as apresentações para compor material para o primeiro álbum de sua nova banda.

Como ele e Dio gostavam muito de frequentar um famoso bar em Hollywood, na qual músicos se encontravam para relaxar e trocar ideias, decidiram nomear a nova banda com o mesmo nome do local: Rainbow. Uma banda de rock pesado que tocaria o que Blackmore chamava de "rock sinfônico".

O primeiro álbum gravado se chamou "Ritchie Blackmore's Rainbow", contrariando a vontade do guitarrista, que não queria ver seu nome no título do álbum. No entanto, devido à pressão da gravadora, acabou cedendo, pois foi argumentado que o nome dele ajudaria as vendas do álbum e informaria aos fãs que se tratava de um novo projeto dele, que não era mais um integrante do Deep Purple. O álbum foi bem recebido, mas Blackmore percebeu que, exceto Dio, os outros músicos não estavam no mesmo patamar musical em que ele e o vocalista se encontravam. Desta forma, decidiu demitir todos eles antes mesmo de partir para longas tours internacionais. Blackmore afirmou que havia sido educado musicalmente com o metrônomo. Por isso ele sempre identificava se alguém acelerava ou reduzia o andamento da canção.

Dio ficou magoado com a decisão de Blackmore, mas a compreendeu, pois o guitarrista tinha a intenção de formar uma nova banda de nível internacional, querendo ter os melhores integrantes que pudesse encontrar para o Rainbow. Dio declarou que o Rainbow era a banda

de Blackmore, um de seus ídolos.

O primeiro músico a ser demitido foi o baixista Craig Gruber, que foi substituído pelo escocês Jimmy Bain. Sobre o novo membro, Blackmore declarou que gostava muito de Bain, o considerando um ótimo ser humano, uma pessoa excelente e muito positivo. Logo em seguida foi convidado o já famoso baterista Cozy Powell, que havia gravado dois álbuns e excursionado por vários anos com o guitarrista favorito de Blackmore: Jeff Beck. Na época, Powell estava pensando em abandonar o mundo da música e se dedicar a sua outra paixão: os carros de corrida. Chegou a receber uma proposta para ser piloto de fórmula 3 mas, no final das contas, chegou à conclusão de que a proposta de um artista renomado como Ritchie Blackmore deveria ser analisada com muita atenção. Ninguém sabe como teria sido a carreira automobilística de Powell que, infelizmente, faleceu aos 50 anos justamente em um acidente quando perdeu a direção de seu carro, ao dirigir a mais de 200 km/hora em uma estrada na Inglaterra.

Para completar a nova formação do Rainbow foi chamado o tecladista Tony Carey, um músico graduado pela renomada Juilliard School em Nova York. Sobre Carey, Blackmore afirmou que ele é um músico muito talentoso, além de ser um excelente cantor, mas que ele não sabia disso enquanto ele fazia parte do Rainbow. O problema de Blackmore com ele é que achava Carey indisciplinado. Apesar de sua fama de controlador, Tony Carey relatou que a única coisa que Blackmore lhe disse antes das gravações do novo álbum foi para ele tocar o que sentia.

A banda partiu para Munich, onde gravaria o segundo álbum do Rainbow, que se chamaria simplesmente “Rising”. O novo trabalho foi produzido por Martin Birch, com o qual Blackmore havia se dado muito bem nas gravações do álbum “Stormbringer”, do Deep Purple, o último que contou com sua participação.

O álbum foi composto no estúdio em ensaios, com a banda toda presente. Cada um apresentava suas ideias para o restante da banda, que posteriormente trabalhava junta na criação de cada um dos temas. As gravações duraram apenas dez dias, com cada uma das faixas sendo gravadas no primeiro ou segundo take ao vivo, com os overdubs dos vocais de Dio e os solos de teclado e guitarra sendo realizados posteriormente. Todas as partes de guitarra, bateria e baixo foram gravadas ao vivo no estúdio. Antes das gravações iniciarem a banda já havia apresentado “Stargazer”, “A Light in the Black” e “Do You Close Your Eyes” ao vivo.

Um fato interessante sobre as sessões de gravação de “Rising” é que Robert Plant e John Bonham do Led Zeppelin uma vez apareceram para visitar Blackmore, chegando a tocar com o Rainbow no estúdio.

Em outra ocasião, a banda estava em um rinque de patinação onde havia uma banda se apresentando. Se ofereceram para dar uma "canja" e tocaram por uma hora usando o equipamento da banda do local. Além disso, uma noite em Los Angeles, Blackmore levou toda a banda para assistir o Deep Purple, com seu substituto Tommy Bolin na guitarra.

O segundo álbum da banda acabou sendo lançado sob o nome de "Rainbow", pois Blackmore finalmente conseguiu que seu nome fosse excluído da denominação do grupo e do título do novo trabalho.

ANÁLISE DO ÁLBUM - FAIXA A FAIXA

Tarot Woman

A primeira faixa do álbum abre com um longo solo de teclado de Tony Carey, criando uma atmosfera misteriosa e de suspense. Logo em seguida surge a guitarra de Ritchie Blackmore tocando um riff repetidamente até a entrada do restante da banda.

Podemos perceber que seremos levados por uma incrível viagem musical desde o início, com uma atuação incrível de toda a banda. Ronnie James Dio canta sobre uma cigana que lê cartas de tarô e prevê o futuro do protagonista.

Ela lhe avisa para tomar cuidado com uma mulher que ele conhecerá e lhe trará desgraça, arruinando sua vida.

Run With the Wolf

O maior destaque dessa faixa é a bateria de Cozy Powell, que foi gravada no estilo “John Bonham” do Led Zeppelin. O produtor Martin Birch registrou a interpretação de Powell em um salão amplo com teto de madeira, exatamente como havia sido feito na gravação de “When the Levee Breaks”, do álbum Led Zeppelin IV.

Tematicamente, Dio canta sobre um vilarejo na Transilvânia, no qual há um pub frequentado pelos moradores do local. Os mais velhos conversam sobre os sons estranhos que ouviram na noite anterior e se perguntam se fora apenas o vento. No entanto, eles sabem que há um lobisomem que assombra toda a região, circulando livremente durante a noite e aterrorizando o vilarejo.

Starstruck

Dio nos conta a história verídica de uma francesa chamada Muriel que era absolutamente fanática por Ritchie Blackmore. A atração que ela sentia por ele era tão forte que o perseguia em toda parte. Não importava onde o Rainbow se apresentasse, ela sempre estava lá presente, na primeira fila.

Ela seguia os passos de Blackmore nas ruas, o espionando e assediando. O guitarrista declarou que a situação vivida por ele acabou se transformando em um pesadelo. Ele temia vê-la em todos os shows que fazia, pois sabia que ela sempre encontrava uma maneira de estar presente.

Para piorar ainda mais a situação, uma vez ela descobriu onde Blackmore morava e começou a passar os dias escondida nos arbustos do jardim do guitarrista, tentando vê-lo ou encontrá-lo.

Uma vez, Blackmore viu uma movimentação suspeita nos arbustos de

seu jardim. Ao prestar atenção reconheceu a fã francesa escondida. Ficou assustado com a situação e decidiu soltar seus cães para irem para cima dela. Embora os animais não fossem agressivos, conseguiram assustá-la por causa de seu tamanho e latidos. Depois desse acontecimento, finalmente ela desapareceu e nunca mais seguiu Blackmore. Declarou também que a viu agindo de maneira muito estranha, circulando a sua casa que tinha paredes de pedra, tocando cada uma delas com a mão e o rosto. Ficou temeroso com o que ela poderia tentar fazer ali com ele e sua família.

Na canção, Dio canta que Blackmore sempre está temeroso pois, mesmo que pense estar sozinho, sabe que ela sempre está lá à sua espera. Aparentemente, Muriel começou a segui-lo apenas porque ele sorriu para ela. Depois disso ela passou a persegui-lo, querendo uma foto, uma lembrança pessoal dele.

Uma das poucas faixas do álbum que foram executadas ao vivo pela banda na tour promocional de “Rising”.

Do You Close Your Eyes?

Embora seja um rock and roll, o tema da canção é simplesmente um encontro amoroso. O protagonista conhece uma mulher que tem um “brilho” especial, decidindo abordá-la para uma conversa.

Dio diz saber o que a faz sorrir e irá mirar seus esforços diretamente ao coração da moça. Em pouco tempo ele já está se insinuando para ela, lhe perguntando se ela fecha os olhos quando faz amor.

Essa faixa chegou a ser cogitada para ser lançada como single do álbum, o que acabou não acontecendo. Foi também uma das poucas executadas ao vivo na tour de “Rising”, sendo geralmente tocada no bis de cada apresentação.

Stargazer

O ápice da discografia do Rainbow, “Stargazer” também é considerada por muitos como o melhor momento das carreiras de Ritchie Blackmore e Ronnie James Dio. Essa é a canção na qual eles conseguiram combinar seus incríveis talentos e criar um verdadeiro épico do rock and roll.

Sem dúvida alguma essa é uma faixa majestosa, envolvente e que marcou a história da banda para sempre. Desde a primeira audição é um tema que impressiona o ouvinte pela magia que transmite, devido à interpretação magistral de todos os integrantes da banda.

Blackmore afirmou que essa faixa foi influenciada por “Kashmir” do Led Zeppelin. Realmente há algo em comum entre ambas, pois são canções que nos fazem literalmente viajar por suas melodias e letras.

O riff original da canção foi composto no violoncelo por Blackmore pois, nessa época, ele estava estudando o instrumento, do qual é um grande apreciador.

Em 1976, o baixista Roger Glover, ex-parceiro de Blackmore no Deep Purple, encontrou o guitarrista no Musicland Studios, onde estava sendo gravado “Rising”. Blackmore mostrou a Glover essa faixa, que ele considerou extraordinária.

Além dos cinco músicos da banda, a gravação de “Stargazer” contou com a participação da Orquestra Filarmônica de Munich, com 42 integrantes. A orquestra tornou a faixa mais imponente e bela, trazendo um elemento ainda mais dramático à guitarra de Blackmore e aos incríveis versos de Dio.

Considero que, musicalmente falando, Ritchie Blackmore atingiu o ápice de sua carreira nessa faixa. O riff da canção é espetacular, as escalas que ele utiliza em seus solos são maravilhosas, tendo sido inspiradas na música turca. No solo principal da canção, o genial guitarrista nos conduz por uma verdadeira viagem pelas estrelas, passando por cometas, meteoros, cores e imagens nunca vistas antes. É realmente algo cinematográfico e impressionante.

Já o brilhante Ronnie James Dio nos brinda com um letra inspiradíssima baseada no Egito antigo. Dio narra a canção do ponto de vista de um escravo egípcio. Segundo o vocalista, tais escravos eram pessoas completamente oprimidas e suas vidas não valiam nada, podendo ser esmagadas a qualquer instante pelo faraó ou uma autoridade religiosa.

O tema da canção é a construção de uma enorme torre de pedra, erigida por incontáveis escravos egípcios, entre os quais se encontra o narrador. Ele nos relata que trabalharam incessantemente durante nove anos, sob o sol, chuva e calor, acorrentados e sendo açoitados, apenas para realizar o sonho do mago, o “observador das estrelas” do título da canção.

O escravo nos conta de seu sofrimento, do enorme desejo de beber água e encontrar uma sombra para descansar. Enquanto isso, o mago circula pelo local, fiscalizando a obra, parecendo flutuar, pois ninguém consegue ver seus pés, totalmente encobertos pelo manto que usa. Ele pergunta ao mago onde está a estrela que ele procura e afirma que todos os escravos acreditam nele.

O sonho do mago era que a torre de pedra fosse construída e, depois de sua conclusão, ele saltasse do topo dela, flutuando pelo céu até alcançar as estrelas. O escravo relata que muitos morreram apenas para tentar ver o mago voar, dando todo o seu suor e sangue para finalizar a construção da torre de pedra que levaria o mago aos céus.

Finalmente a torre é concluída e, em seguida, o mago sobe até o topo dela, se jogando lá do alto, esperando voar até as estrelas. No entanto, ele cai vertiginosamente e morre com a queda, deixando uma enorme poça de sangue na areia. Os escravos veem a trágica morte do mago e ficam atônitos, pois acreditavam que ele realmente tinha poderes mágicos e conseguiria partir para ver as estrelas.

Agora, após a morte de seu líder, os escravos ficaram desnorteados, pois concluíram a sua obra colossal, mas não tem mais um rumo ou objetivo em suas vidas. É nessa hora que o escravo vê um enorme arco íris surgindo no horizonte (o "Rainbow Rising", título do álbum), que simboliza o fim de uma era e a longa jornada dos escravos de volta para seus lares.

Essa é uma canção que nos conta sobre os sonhos megalomaníacos dos líderes em toda parte do mundo, escravizando seus povos de várias maneiras a fim de viabilizarem a realização de seus sonhos que, na maioria das vezes, termina de forma trágica para todos os envolvidos.

Blackmore e Dio mostraram ao mundo que a parceria deles era muito especial pois ambos se complementavam de maneira única. Eu acredito que nenhum dos dois conseguiu encontrar em suas longas carreiras parceiros tão especiais como a que tiveram em sua fase juntos no Rainbow. Dio era capaz de captar em palavras as imagens e viagens musicais de Blackmore, enquanto esse também criava paisagens sonoras perfeitas para as histórias contadas por Dio.

Uma canção inesquecível que, quando era interpretada ao vivo se transformava imediatamente no ponto alto de cada apresentação.

A Light in the Black

Originalmente essa faixa se chamava "Coming Home", tendo sido renomeada posteriormente para "A Light in the Black".

Podemos considerar que essa longa faixa, a última do álbum, é uma continuação de "Stargazer". Após a morte do mago os escravos se tornaram livres. No entanto, eles ficaram desorientados até que finalmente viram a "luz na escuridão".

A letra de Dio nos conta que o escravo não conseguiu se esquecer do rosto do mago e que, após sua morte, ainda não tinha certeza de que estava realmente livre e poderia regressar ao seu lar. Pensava que sua vida havia sido um sonho louco em busca da estrela de alguém.

Os escravos ainda se mostram incrédulos com a morte do mago, pois acreditavam que ele seria capaz de voar até as estrelas.

No final das contas, o escravo acaba se convencendo de que sua escravidão chegou ao fim e que o mago está realmente morto. Chegou a hora de partir de volta para casa.

Nessa faixa, tanto Ritchie Blackmore quanto Tony Carey fazem longos e belos solos, respectivamente de guitarra e teclado. O baterista Cozy Powell tem uma atuação sensacional nessa faixa, que é muito veloz e energética.

“A Light in the Black” chegou a ser tocada ao vivo algumas vezes, mas acabou sendo descartada pois a sequência “Stargazer - A Light in the Black”, quando executadas ao vivo, eram absolutamente extenuantes para Powell que, mesmo sendo um baterista com uma energia incrível, não conseguia executar ambas as canções na mesma apresentação. Desta forma, ela acabou sendo excluída, enquanto apenas “Stargazer” foi mantida no repertório dos shows.

Assim termina a obra prima do Rainbow. “Rising” foi o álbum que mostrou ao mundo o novo rumo musical que Ritchie Blackmore queria seguir após a sua saída do Deep Purple. Com o auxílio de seu grande parceiro Ronnie James Dio e de músicos de primeira linha, como Cozy Powell, Jimmy Bain e Tony Carey, o guitarrista conseguiu forjar uma nova trilha em sua longa e bem-sucedida carreira musical. Uma obra que o consagrou ainda mais, provando a todos que ele realmente é um dos maiores guitarrista da história do rock and roll, assim como Ronnie James Dio se tornou um vocalista lendário que, poucos anos depois, iniciaria um novo e importantíssimo capítulo em sua incrível carreira ao ser convidado para substituir Ozzy Osbourne, se tornando o novo vocalista do Black Sabbath.

Mas essa é uma outra história...

O LEGADO DE “RISING”

“Rising” é o álbum favorito do Rainbow para Blackmore, Dio e Powell por causa de “Stargazer”. Já Tony Carey prefere as faixas Tarot Woman e Run With the Wolf.

A capa do álbum “Rising” é uma das mais conhecidas no mundo do rock and roll. O artista Ken Kelly, que também desenhou as capas do álbuns “Destroyer” e “Love Gun” do Kiss, criou uma capa icônica que acabou se tornando quase que um sinônimo do Rainbow, uma imagem que evoca todo a potência e magia da música que se encontra no álbum.

Durante a tour de “Rising” e em praticamente todas as outras do Rainbow, essa imagem era usada no fundo do palco por seu forte apelo entre os fãs do grupo. Até hoje vários produtos da banda, como camisetas, adesivos, bonés e outros, carregam a capa marcante da mão saindo de dentro da água, agarrando o arco-íris no céu sombrio. Uma obra inesquecível.

Jon Lord, ex-parceiro de Blackmore no Deep Purple, foi um dos músicos que imediatamente adorou o novo trabalho do guitarrista. Já o empresário do Rainbow na época, Bruce Payne, considerava que “Rising” era o sucessor natural de “Machine Head” do Deep Purple. O próprio Ritchie Blackmore, que raramente se sente satisfeito com seus próprios trabalhos, declarou na época que “Rising” era a melhor obra que já havia criado até então.

Durante a tour promocional do álbum, a banda que serviu de abertura dos shows do Rainbow por algum tempo foi o AC/DC, que começava sua carreira internacional. Em uma apresentação que fizeram em Londres, vários dos ex-integrantes do Deep Purple foram ver Blackmore apresentar sua obra prima ao vivo. Entre eles estavam Jon Lord, Roger Glover, Ian Paice e David Coverdale. Apenas Glenn Hughes e Ian Gillan deixaram de ver o incrível show do ex-guitarrista do Deep Purple com sua nova e incrível banda.

O único registro oficial dessa formação da banda ao vivo é o álbum “On Stage”, que foi gravado ao vivo no Japão e na Alemanha, dois dos mercados que sempre foram fiéis ao trabalho do Deep Purple e do Rainbow. Infelizmente a formação que gravou “Rising” durou muito pouco. Logo após a tour promocional, Jimmy Bain foi dispensado por Blackmore. Nunca foi dada uma explicação muito clara sobre o motivo da demissão do baixista. Há rumores ela ocorreu devido ao seu uso constante de drogas e também por não ter um desempenho musical compatível com os padrões do líder da banda. Tony Carey também foi demitido na sequência. O caso do tecladista também teria sido relacionado ao uso de drogas, algo não tolerado por Blackmore, que

nunca as usou e reprovava o comportamento daqueles que as usavam, especialmente quando isso comprometia suas apresentações. Além disso, Carey tinha uma personalidade um pouco arrogante, confrontando Blackmore em várias ocasiões, segundo relatos de testemunhas na época. O álbum ao vivo “On Stage” teria sido lançado para cobrir um período em que o guitarrista estava buscando novos músicos para substituir Carey e Bain.

Nas apresentações ao vivo dessa fase, Cozy Powell fazia um impressionante e longo solo de bateria, executando parte da Overture 1812, de Tchaikovsky. Era sempre um dos pontos altos dos shows. Além do baterista, o tecladista Tony Carey e o próprio Blackmore também tinham seus momentos de solos individuais. Uma outra atração especial dos shows era o enorme arco-íris eletrônico que encobria o palco. Ele era formado de inúmeras lâmpadas controladas por computador, que as acendia de maneiras diferentes de acordo com as canções que estivesse sendo executadas. A banda chegou a tentar tocar “Tarot Woman” e “Run With the Wolf” ao vivo, mas descartaram a ideia pois elas ficaram muito aceleradas. “A Light in the Black” chegou a ser tocada algumas vezes, mas foi abandonada pois deixava Cozy Powell exausto.

É uma pena que essa formação não tenha tido a oportunidade de trabalhar novamente no estúdio, pois seguramente teriam criado um outro grande álbum. Por mais que possam ter ocorrido problemas pessoais entre os integrantes, ou até mesmo o uso exagerado de drogas, no estúdio e ao vivo a química entre os membros era notável, criando um espetáculo inesquecível para aqueles que tiveram a sorte e oportunidade de assistir uma apresentação do Rainbow nessa fase.

Blackmore contratou o baixista Mark Clarke, que permaneceu por pouquíssimo tempo na banda, tendo sido substituído por Bob Daisley. Já a busca por um tecladista se mostrou mais difícil. Desta forma, Tony Carey foi recontratado pelo Rainbow e chegou a gravar parte das canções do álbum de estúdio seguinte, que se chamaria “Long Live Rock and Roll”. No entanto, os problemas com Blackmore permaneceram e se tornaram cada vez mais intensos. A situação se tornou insustentável e Carey abandonou as gravações sem avisar a banda, nunca mais encontrando seus ex-parceiros musicais. O Rainbow acabou contratando o canadense David Stone, que finalizou as gravações do novo álbum e deu uma enorme contribuição na criação de um outro clássico da carreira do Rainbow: a faixa “Gates of Babylon”, que foi composta por ele, juntamente com Dio e Blackmore, embora seu nome não apareça nos créditos, pois sua participação foi comprada pela banda, o excluindo dos créditos do álbum. Blackmore ficou incomodado pelo fato do novo álbum não ter sido muito tocado

nas rádios e decidiu seguir um novo caminho. Pensava que não haviam tido muito sucesso comercial pelo fato do álbum “Rising” ser pesado demais.

“Rising” permanece até hoje com uma enorme referência no mundo do hard rock, sendo reverenciado por membros de renomadas bandas, tais como o Metallica, Judas Priest, Iron Maiden e tantas outras. Em apenas 6 canções, a formação clássica do Rainbow conseguiu deixar seu nome registrado na história dos maiores clássicos do rock. Uma obra que permanece tão instigante e poderosa como quando foi lançada em 1976.

Como cantou o inesquecível Ronnie James Dio, “Long Live Rock and Roll”!

Você gostou do e-book? Então entre em contato com o autor através do e-mail:

marcoandrebriones@gmail.com

Quer ajudar o autor do e-book a escrever novas resenhas e análises detalhadas de outros álbuns clássicos? Que tal então comprar os produtos relacionados ao artista analisado diretamente no site da Amazon do Brasil? Usando os links fornecidos abaixo para suas compras você estará dando sua contribuição diretamente. Muito obrigado por seu apoio!

LINK PARA A AMAZON

BIBLIOGRAFIA

Rainbow – English Castle Magic – por Martin Popoff

Black Knight – Ritchie Blackmore – por Jerry Bloom

Rainbow – Stargazers – por Jeff Perkins

Sensitive to Light: The Rainbow Story – por Martin Popoff

Dance with the Devil: The Cozy Powell Story – por Laura Shenton

A Hart Life: The Life Story of Deep Purple and Rainbow's Manager – por Colin Heart e Dick Allix

The Other Side of Rainbow – por Greg Prato

Ronnie James Dio: A Biography of a Heavy Metal Icon – por James Curl

PLAYLIST NO SPOTIFY

LINKS PARA O YOUTUBE

https://www.youtube.com/watch?v=ToaXCZyMar0

https://www.youtube.com/watch?v=X5rsdcXKQXo

https://www.youtube.com/watch?v=HjNwfwUrSQw

https://www.youtube.com/watch?v=omtQoIvMT_c

https://www.youtube.com/watch?v=rVXy1OhaERY

https://www.youtube.com/watch?v=uwlWh3vZp40

Copyright © **2021** de **Marco André Briones**
Todos os direitos reservados. Este ebook ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do ebook.
Primeira edição, 2021

marcoandrebriones@gmail.com

SOBRE O AUTOR

Escritor, fotógrafo, professor de idiomas (inglês e francês), tradutor, intérprete, colunista, pesquisador histórico. Sem dúvida, Marco André Briones é uma pessoa com muitas habilidades e interesses variados. É também um amante dos animais, particularmente de cães e gatos, é guitarrista amador em seu tempo livre e um apaixonado pelas viagens, procurando sempre descobrir o que há de mais peculiar em cada local, registrando suas descobertas em fotos e textos.

Marco é um grande estudioso de história, idiomas e música. Desde pequeno se interessa pelo rock, quando descobriu os Beatles. Depois foi descobrindo outras bandas, artistas e estilos musicais que também são de seu interesse e agrado, como o jazz, blues, música clássica, MPB e música instrumental.

Criador da série "Desvendando Álbuns Clássicos do Rock", inovou ao realizar pesquisas inéditas no Brasil sobre os maiores álbuns de suas bandas e artistas favoritos, disponibilizando livros específicos sobre cada um deles, que são os mais completos disponíveis em língua portuguesa no mundo.

Atualmente está trabalhando no aumento de títulos disponíveis na série, assim como em outros títulos diferentes, abrangendo temas variados como o turismo nacional e internacional, história do Brasil, poesia e contos.

Email:

marcoandrebriones@gmail.com

Instagram:

@mbriones68

@marcobrionesphotography